

João e Maria

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

À beira de uma grande floresta morava um pobre lenhador com a mulher e seus dois filhos; o menino se chamava João, e a menina, Maria. Ele mal tinha o que comer e, certa vez, quando uma grande carestia assolou o país, já não conseguia nem mesmo o pão de cada dia. À noite, deitado na cama, ficou pensando e se revirando de preocupação, até que suspirou e disse à mulher: “O que será de nós? Como vamos alimentar nossos pobres filhos, se já não temos nada nem para nós mesmos?” “Sabe de uma coisa, homem?”, respondeu a mulher. “Amanhã, bem cedinho, vamos levar as crianças para dentro da floresta, onde ela é mais fechada. Acendemos uma fogueira para elas e damos mais um pedacinho de pão a cada uma; depois vamos trabalhar e as deixamos sozinhas. Elas não encontrarão o caminho de casa, e ficaremos livres delas.” “Não, mulher”, disse o homem, “isso eu não faço. Como teria coragem de deixar meus filhos sozinhos na floresta? Os animais selvagens logo viriam e os despedaçariam.” “Seu tolo!”, disse ela. “Então nós quatro teremos de morrer de fome. Pode ir aplainando as tábuas para os caixões.” E não lhe deu sossego até que ele concordou. “Mas tenho tanta pena das pobres crianças”, disse o homem.

As duas crianças também não tinham conseguido dormir de fome e ouviram o que a madrasta dissera ao pai. Maria chorou lágrimas amargas e disse a João: “Agora estamos perdidos.” “Quietinha, Maria”, disse João. “Não fique triste, que eu vou encontrar um jeito de nos ajudar.” Quando os mais velhos adormeceram, ele se levantou, vestiu seu casaquinho, abriu a parte de baixo da porta e saiu de mansinho. A lua brilhava muito, e as pedrinhas brancas que

havia diante da casa reluziam como moedas. João se abaixou e encheu o bolso do casquinho com quantas couberam. Depois voltou, disse a Maria: “Tenha confiança, irmãzinha querida, e durma tranquila. Deus não nos abandonará”, e se deitou de novo na cama.

Ao raiar do dia, antes mesmo de o sol nascer, a mulher já veio acordar as duas crianças: “Levantem-se, seus preguiçosos! Vamos à floresta buscar lenha.” Deu então um pedacinho de pão a cada um e disse: “Aqui têm alguma coisa para o meio-dia. Mas não comam antes, porque não vão receber mais nada.” Maria guardou o pão debaixo do avental, pois João tinha as pedras no bolso. Em seguida, saíram todos juntos em direção à floresta. Depois de caminharem um pouco, João parou e olhou para trás, para a casa; e fez isso de novo, repetidas vezes. O pai disse: “João, por que fica olhando para trás e se atrasando? Preste atenção e não se esqueça de andar.” “Ah, pai”, disse João, “estou olhando para o meu gatinho branco, que está lá em cima do telhado e quer me dizer adeus.” A mulher disse: “Tolo! Não é o seu gatinho, é o sol da manhã batendo na chaminé.” Mas João não estivera olhando para o gatinho: jogava pelo caminho, uma após outra, as pedrinhas brilhantes que tinha no bolso.

Quando chegaram ao meio da floresta, o pai disse: “Agora juntem lenha, crianças. Vou acender uma fogueira para vocês não passarem frio.” João e Maria juntaram gravetos até formar um pequeno monte. Puseram fogo nos gravetos, e, quando as chamas já estavam bem altas, a mulher disse: “Agora deitem-se perto do fogo, crianças, e descansem. Vamos à floresta cortar lenha. Quando terminarmos, voltamos para buscar vocês.”

João e Maria ficaram sentados junto ao fogo e, quando chegou o meio-dia, cada um comeu seu pedacinho de pão. Como ouviam as pancadas do machado, acreditavam que o pai estivesse por perto. Mas não era o machado: era um galho que ele amarrara a uma árvore seca e que o vento fazia bater de

um lado para o outro. Depois de ficarem tanto tempo sentados, os olhos se fecharam de cansaço, e eles adormeceram profundamente. Quando por fim acordaram, já era noite escura. Maria começou a chorar e disse: “Como vamos sair da floresta agora?” Mas João a consolou: “Espere só um pouquinho, até a lua nascer, que encontraremos o caminho.” Quando a lua cheia subiu no céu, João pegou a irmãzinha pela mão e seguiu as pedrinhas, que cintilavam como moedas recém-cunhadas e lhes mostravam o caminho. Andaram a noite inteira e chegaram de volta à casa do pai ao amanhecer. Bateram à porta e, quando a mulher abriu e viu que eram João e Maria, disse: “Crianças malvadas! Por que ficaram dormindo tanto tempo na floresta? Achávamos que não queriam mais voltar.” O pai, porém, ficou contente, pois se afligira por tê-los deixado sozinhos.

Não demorou muito, a miséria voltou por toda parte, e as crianças ouviram a mãe dizer ao pai, à noite, na cama: “Já acabou tudo outra vez. Só temos meio pão; depois disso, acabou-se. As crianças precisam ir embora. Vamos levá-las mais para dentro da floresta, para que não encontrem o caminho de volta. Caso contrário, não há salvação para nós.” O homem ficou com o coração apertado e pensou: “Seria melhor dividir o último bocado com seus filhos.” Mas a mulher não ouvia nada do que ele dizia; ralhava e o enchia de censuras. Quem diz A tem de dizer B e, como ele cedera da primeira vez, teve de ceder também da segunda.

Mas as crianças ainda estavam acordadas e tinham ouvido a conversa. Quando os mais velhos dormiram, João se levantou outra vez, querendo sair e recolher pedrinhas como antes. Mas a mulher havia trancado a porta, e João não conseguiu sair. Mesmo assim, consolou a irmãzinha e disse: “Não chore, Maria, e durma tranquila. O bom Deus há de nos ajudar.”

De manhã cedo, a mulher veio tirar as crianças da cama. Elas receberam seu pedacinho de pão, ainda menor que o da primeira vez. Pelo caminho até a floresta, João esfarelava o pão no bolso, parava com frequência e jogava uma migalhinha no chão. “João, por que fica parando e olhando em volta?”, disse o pai. “Siga em frente.” “Estou olhando para a minha pombinha, que está no telhado e quer me dizer adeus”, respondeu João. “Tolo!”, disse a mulher. “Não é a sua pombinha, é o sol da manhã batendo lá em cima da chaminé.” Mas João foi espalhando todas as migalhas pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais para dentro da floresta, a um lugar onde nunca tinham estado na vida. Acenderam de novo uma grande fogueira, e a mãe disse: “Fiquem sentados aqui, crianças, e, se estiverem cansados, podem dormir um pouco. Vamos à floresta cortar lenha e, à noite, quando terminarmos, voltamos para buscar vocês.” Ao meio-dia, Maria dividiu seu pão com João, que espalhara o dele pelo caminho. Depois adormeceram, e a noite chegou, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Só acordaram no escuro, e João consolou a irmãzinha, dizendo: “Espere só, Maria, até a lua nascer. Então veremos as migalhas de pão que espalhei; elas nos mostrarão o caminho de casa.” Quando a lua apareceu, eles se puseram a caminho, mas já não encontraram nenhuma migalha, pois os muitos milhares de pássaros que voam pela floresta e pelos campos as tinham bicado. João disse a Maria: “Havemos de encontrar o caminho.” Mas não o encontraram. Andaram a noite toda e mais um dia, da manhã até a noite, sem conseguir sair da floresta. Estavam com muita fome, pois não tinham nada além das poucas bagas que cresciam pelo chão. E, como estavam tão cansados que as pernas já não os sustentavam, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Já era a terceira manhã desde que tinham saído da casa do pai. Voltaram a andar, mas entravam cada vez mais na floresta e, se não recebessem ajuda logo, morreriam de fome. Ao meio-dia, viram um lindo passarinho branco

como a neve pousado num galho. Ele cantava tão bonito que os dois pararam para ouvi-lo. Quando terminou, abriu as asas e foi voando à frente deles. Eles o seguiram até chegar a uma casinha, em cujo telhado ele pousou. Quando chegaram bem perto, viram que a casinha era feita de pão e coberta de bolo; as janelas, porém, eram de açúcar transparente. “Vamos aproveitar”, disse João, “e fazer uma refeição abençoada. Vou comer um pedaço do telhado; Maria, você pode comer da janela, que é doce.” João esticou o braço e quebrou um pedacinho do telhado para provar. Maria se aproximou das vidraças e começou a roê-las. Então uma voz fininha chamou de dentro:

*“Rói, rói, casquinha,
quem rói a minha casinha?”*

As crianças responderam:

*“É o vento, é o vento,
a criança do firmamento.”*

E continuaram comendo, sem se deixar perturbar. João, que achara o telhado muito gostoso, arrancou um pedaço grande; Maria tirou uma vidraça redonda inteira, sentou-se e se regalou com ela. De repente, a porta se abriu e uma mulher velhíssima saiu de mansinho, apoiada numa muleta. João e Maria levaram tamanho susto que deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha balançou a cabeça e disse: “Ora, minhas queridas crianças, quem trouxe vocês até aqui? Entrem e fiquem comigo. Nada de mal vai acontecer a vocês.” Pegou os dois pela mão e os levou para dentro da casinha. Serviram boa comida: leite e panquecas com açúcar, maçãs e nozes. Depois prepararam duas lindas caminhas com roupa branca, e João e Maria se deitaram nelas, achando que estavam no céu.

A velha apenas fingira ser tão bondosa: na verdade, era uma bruxa malvada que espreitava as crianças e só construía a casinha de pão para atraí-las. Quando uma caía em seu poder, ela a matava, cozinhava e comia; e aquele era, para ela, um dia de festa. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam longe, mas possuem um faro apurado, como os animais, e percebem quando seres humanos se aproximam. Quando João e Maria chegaram perto, ela riu maldosamente e disse, em tom de escárnio: “Peguei os dois; estes não vão me escapar.” De manhã bem cedo, antes de as crianças acordarem, ela já estava de pé e, vendo os dois dormirem tão docemente, com as bochechas cheias e rosadas, murmurou consigo: “Vai ser um bom bocado.” Então agarrou João com a mão ressequida, levou-o para um pequeno estábulo e o trancou atrás de uma porta de grades. Por mais que gritasse, não adiantava nada. Depois foi até Maria, sacudiu-a para acordá-la e gritou: “Levante-se, preguiçosa! Vá buscar água e cozinhe alguma coisa boa para seu irmão. Ele está lá fora no estábulo e tem de engordar. Quando estiver gordo, vou comê-lo.” Maria começou a chorar amargamente, mas tudo era em vão: tinha de fazer o que a bruxa malvada exigia.

Preparavam agora a melhor comida para o pobre João, mas Maria só recebia cascas de lagostim. Todas as manhãs, a velha se esgueirava até o estábulo e chamava: “João, estique os dedos para fora, para eu sentir se você já está ficando gordo.” Mas João estendia um ossinho, e a velha, que tinha a vista turva, não conseguia enxergá-lo. Pensava que fossem os dedos de João e se espantava porque ele não engordava de jeito nenhum. Quando quatro semanas se passaram e João continuava magro, ela perdeu a paciência e não quis esperar mais. “Ei, Maria!”, gritou à menina. “Depressa, vá buscar água! João pode estar gordo ou magro: amanhã vou matá-lo e cozinhá-lo.” Ah, como a pobre irmãzinha se lamentava ao ter de buscar água, e como as lágrimas lhe corriam pelo rosto! “Bom Deus, ajuda-nos!”, exclamou. “Se ao

menos os animais selvagens da floresta nos tivessem devorado, teríamos morrido juntos.” “Poupe essa choradeira”, disse a velha. “Não vai adiantar nada.”

De manhã cedo, Maria teve de sair, pendurar o caldeirão com água e acender o fogo. “Primeiro vamos assar pão”, disse a velha. “Já aqueci o forno e sovei a massa.” Empurrou a pobre Maria até o forno, de onde as chamas já saíam. “Entre rastejando”, disse a bruxa, “e veja se está bem quente, para podermos pôr o pão lá dentro.” Quando Maria entrasse, ela pretendia fechar o forno; Maria assaria lá dentro, e depois a velha também a comeria. Mas Maria percebeu o que ela tinha em mente e disse: “Não sei como fazer isso. Como é que entro aí?” “Sua gansa tola!”, disse a velha. “A abertura é grande o bastante, está vendo? Eu mesma poderia entrar.” Aproximou-se, arrastando-se, e enfiou a cabeça no forno. Então Maria lhe deu um empurrão, fazendo-a entrar bem para dentro, fechou a porta de ferro e correu o ferrolho. Ui! Ela começou a uivar de um jeito horrível; mas Maria saiu correndo, e a bruxa ímpia teve de morrer queimada miseravelmente.

Maria correu direto até João, abriu o estábulo e gritou: “João, estamos salvos! A velha bruxa está morta!” João saltou para fora como um pássaro da gaiola quando lhe abrem a porta. Como ficaram felizes! Abraçaram-se, pularam de alegria e se beijaram! Como já não precisavam ter medo, entraram na casa da bruxa, onde havia, por todos os cantos, caixas com pérolas e pedras preciosas. “Estas são ainda melhores que pedrinhas”, disse João, enchendo os bolsos com quantas couberam. Maria disse: “Também quero levar alguma coisa para casa”, e encheu seu avental. “Mas agora vamos embora”, disse João, “para sairmos da floresta da bruxa.” Depois de algumas horas andando, chegaram a uma grande extensão de água. “Não podemos atravessar”, disse João. “Não vejo nenhuma passagem nem ponte.” “Também não passa nenhum barquinho por aqui”,

respondeu Maria. “Mas ali está nadando uma pata branca. Se eu pedir, ela nos ajuda a atravessar.” Então chamou:

*“Patinha, patinha,
aqui estão Maria e João.
Sem passagem nem ponte,
leva-nos nas tuas costas brancas.”*

A patinha se aproximou, e João montou nela e pediu à irmãzinha que se sentasse junto dele. “Não”, respondeu Maria. “Ficaria pesado demais para a patinha. Ela deve nos levar um de cada vez.” Foi o que o bom animalzinho fez. Quando chegaram sãos e salvos à outra margem e caminharam mais um pouco, a floresta lhes pareceu cada vez mais conhecida, até que, finalmente, avistaram de longe a casa do pai. Começaram a correr, entraram de uma vez na casa e se lançaram ao pescoço dele. O homem não tivera uma só hora de alegria desde que deixara as crianças na floresta; a mulher, porém, havia morrido. Maria esvaziou o avental, fazendo as pérolas e pedras preciosas saltarem pela sala, e João foi tirando dos bolsos um punhado atrás do outro. Assim, todas as preocupações acabaram, e eles viveram juntos na mais completa alegria. Meu conto acabou; ali corre um rato. Quem o apanhar pode fazer dele um grande, grande gorro de pele.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/joao-e-maria>